

A voz de Molière

texto João Paulo Sousa fotografia Susana Neves

O cuidado posto por Rogério de Carvalho na escolha de textos a encenar tornava quase natural a inclusão de Molière nesse conjunto. Que a opção tenha sido *O Avaro* (*L'Avare*, 1668) também não surpreende, se tivermos em conta as variadas estratégias verbais de que o dramaturgo se serviu para, na peça em questão, alternar o tom de drama com o de comédia.

O melhor serviço a prestar à obra consiste em não lhe acrescentar ruído, em não a sobrecarregar com materiais que impeçam as palavras de brilhar com o esplendor irreverente que apresentam neste texto. Ora, esse é o especial talento de Rogério de Carvalho como encenador, habitualmente evidenciado pela capacidade de depurar a dimensão visual de um espectáculo até níveis em que a cenografia e os actores se tornam em meios de potenciação da palavra, sem que tal estratégia, porém, se funda, por parte do espectador, com a mera audição de um discurso. Tal foi, de novo, o seu propósito, e, uma vez mais, com resultados notáveis.

Na encenação de *O Avaro*, a opção pelos tapetes de finas riscas coloridas a marcar o quadrilátero central do palco (cenografia de Pedro Tudela) serviu para introduzir a discreta nota de cor que contrasta com o preto e o branco dos figurinos (Bernardo Monteiro); ao mesmo tempo, a geometrização assim sugerida prolonga-se nos movimentos dos actores, cuidadosamente desenhados, a criarem um efeito de abstracção que, entre outros conseguintes, liberta a peça de eventuais amarras epocais. Isto é sobremaneira importante se tivermos em conta, por exemplo, que Harpagão é, na verdade, o modelo do *avarento*. Não se trata tanto de uma personagem individualizada, mas antes de um tipo, cujo comportamento tem resultados perniciosos para todos os que lhe são próximos. É esta dimensão de figura amplamente representativa, aliás, que lhe permite, ao mesmo tempo, possuir algo de cómico e aproximar-se do trágico. Sem a exponenciação do ridículo da personagem, nunca a peça ganharia a consistência que demonstra, pois é Harpagão o centro que faz gravitar o riso e a dor.

Assim, é do magnífico trabalho interpretativo de Jorge Pinto na criação do protagonista que irradia uma força capaz de se disseminar por todas as cenas, mesmo por aquelas em que ele não está presente, uma vez que, na sua ausência, é ele a figura invocada. Notável na adequação do timbre, na precisão dos gestos (característica, aliás, em que praticamente todos os actores se mantêm em excelente plano), na capacidade de, através de um olhar, revelar as torções do mundo interior da personagem, Jorge Pinto consegue, na situação de risco agravado em que consiste um palco quase vazio de adereços, ser um Harpagão capaz de provocar no espectador o misto de repulsa e empatia que a peça de Molière pretenderia desencadear.

Texto fundado numa lógica espacial, na medida em que tanto a dimensão cómica como a vertente contígua do trágico se clarificam através de frequentes comparações a que o espectador deve proceder entre aquilo a que já assistiu e o que, a cada momento, decorre em palco, *O Avaro* sustenta-se, em grande medida, na força dos seus diálogos. Para além do efeito resultante da expressividade do texto, com recurso a repetições, a ambivalências de significado ou à manifesta falsidade do que é dito, as cenas em que Harpagão fala com Valério (Miguel Eloy), Cleanto (Pedro Galiza) ou Frosina (Emília Silvestre) destacam-se pela notável adequação de registo dos actores envolvidos. Se, de igual modo, as personagens de Mariana (Isabel Queirós) e Elisa (Vânia Mendes) se mostram à altura da exigência do espectáculo, o mesmo não me parece que tenha acontecido com a opção de uma actriz (Clara Nogueira) para desempenhar o papel de Mestre Tiago, tendo sido introduzida aí uma nota contrastante que nada de significativo acrescentou ao que vemos em cena. Por seu turno, a figura de Anselmo (Júlio Maciel) apresentou-se excessivamente rígida, sem a ductilidade necessária para diluir a geometria dos seus movimentos e conferir-lhe aquela leveza que o rigor habitual das encenações de Rogério de Carvalho não dispensa, devendo assinalar-se, no entanto, que a inverosimilhança da sua aparição final contribui para a dificuldade de aceitação da personagem.

Por último, mas bem longe de ser o menos importante, refira-se a excelente tradução de Alexandra Moreira da Silva. Com efeito, o processo de depuração do espectáculo, visando a exposição de todo o fulgor da obra de Molière, nunca teria sido possível sem a cuidada passagem do texto, não só de uma para outra língua, mas também de um para outro tempo.

Num conceito de teatro em que a importância da palavra nunca é diminuída, é a essa fundamental actividade que se deve, antes de mais, a preservação da faculdade de actualizar e, de novo, desencadear os efeitos que se perseguiram no momento de escrita da peça.

***O Avaro* apresentou-se no Teatro Carlos Alberto, no Porto, entre 27 Novembro e 20 Dezembro de 2009. Será apresentado no Festival 27 (Vila Real e Bragança), em Março. O programa do espectáculo, que inclui uma reflexão da tradutora sobre o seu trabalho está disponível em <http://www.tnsj.pt/home/media/pdf/Programa%20O%20Avaro.pdf>.**

Esta crítica está publicada na OBSCENA #22.